

# Fenomenologia de Eros e de Afrodite em Safo

## *Phenomenology of Eros and Aphrodite on Sappho*

DOI:10.12957/ek.2019.46756

Dra. Fabíola Menezes Araújo

**confabulando@gmail.com**

Dra em Teoria Psicanalítica | UFRJ

Dnda em Filosofia Antiga| PUC - RJ

Safo tece palavras que nascem como sinais enviados pelos deuses: por permitir a tecitura de *Afrodite* (Ἀφροδίτα), tecelã de ardis (δολόπλοκε), *Eros* é invocado constantemente em suas canções. Evocando-os a poeta vai contra o senso-comum grego, para quem estes deuses poderiam trazer apenas destruição. Não se furtará a poeta a falar da morte (τεθνάνκην) que surge em meio à totalidade (παντᾶ), como advindas de um Deus, Eros, o amor, capaz de realizar-se como forma (Εἶδος) e como justiça (δίκαιος) divinas. Neste artigo, tematizamos a performance-canção sáfica como capaz de nos lembrar do amor como o principal naquilo que se ama. Ao nos enviar para a totalidade do pensamento divino estas canções podem servir de apoio à superação da metafísica, hipótese esta discutida na introdução. A única forma de tornar o instante do extraordinário novamente é mostrar a capacidade dos deuses de reger o cosmos, a totalidade. O ato de musicar, neste *aí*, que se tece aqui também dá-se, assim, por causa erótica.

**PALAVRAS-CHAVE** Afrodite. Eros. Safo. Morte. Totalidade

Sappho weaves words that are born as signals sent by the gods: to make possible Aphrodite's (Ἀφροδίτα) fabric, the goddess weaver of wiles (δολόπλοκε), Eros appears in her songs by evocations. With those evocations the poet goes against the greek common sense, for whom those gods bring just destruction. The poet will not forget to speak about death (τεθνάκην) that comes in the whole of totality (παντᾶ), as come from a god, as love, that is also realisable as form (Εἶδος) and justice (δίκαιος) divines. In this article, we theme the sapphic song-performance as capable of remembering love as the main thing in what one loves. By sending us to the totality of divine thought, these songs can serve to support the overcoming of metaphysics, a hypothesis discussed in the introduction. The only way to bring the extraordinary again is to show the gods's ability to rule the cosmos, the totality. The act of music, in this 'being-there', which is woven here, also occurs with by erotic cause.

**KEYWORDS** *Aphrodite. Eros. Sappho. Death. Totality*

## Introdução

Safo (Ψάπφω) (c. 630-580 a.C.)<sup>1</sup> é contemporânea de Tales de Mileto. Citada e plagiada por Platão<sup>2</sup> raramente têm suas canções consideradas na história da filosofia.<sup>3</sup> Nesta introdução, discutiremos a proposição de ser, ao filosofar a partir de filósofos, que talvez mais pequemos contra os deuses que nos dedicamos aqui a louvar. Por que acreditar em homens quando divindades ainda podem se anunciar? Por meio das canções que cunharam os adjetivos sáfico e lésbico, e que maravilharam o mundo Antigo pelo menos 150 anos antes de Sócrates praticar a maiêutica, talvez não cheguemos a filosofar *stricto sensu*. Voltar a descobrir o sagrado como abertura para o extraordinário, poderemos? O caminho é trágico, pois o divino que se dá num instante, sempre se vai, deixando no ar um aroma ocre de ninfas. Para Platão, nada há de mais importante do que descobrir-se um ἐραστής (amante), ou um ἐρώμενος (amado). É extraordinário Eros quando baixa em um ἐρώμενος (amado), permitindo-o descobrir-se na condição de ἐταῖραι (amigas/companheira), é maravilhoso (Fedro, 242a). É precisamente a partir desta descoberta que se aprende a louvar Eros. Todos os deuses, ninfas, heróis, daimons, e canções sabem como se dá este Deus. Ou antes, este divino onde tudo é possível. Aqui desejamos revelar este acontecimento, o amor divino, na Grécia Arcaica a partir de Safo. Junto a esta cantora, divinos são o homem (ὄνηρ) da amiga-companheira (ἐταῖρα), par dos Deuses (ἴσος θεοῖσιν), divinos são os gostos e as cores. Se é verdade que agora Eros surpreender simposiastas não é mais possível. Isto se deu por ter sido o advento

1 Segundo um vaso de 470 a.C., Safo era morena escura e baixa, e, por isto, sim, ainda mais extraordinária. Esta imagem, de Safo morena, nos é bem próxima, por fazer lembrar as matriarcas do samba carioca. Outras imagens de Safo ao longo da História colocarão em xeque o próprio conceito de História. Junto às imagens de “Safos” brancas e loiras podemos apreciar o modo como a máquina ideológica americana e europeia chegaram a reproduzir os modos de colonização eurocêntrica na caracterização daquilo que compreendemos como “grego” ou “histórico”. Para imagens falseadas de Safo vide: <<https://theconversation.com/guide-to-the-classics-sappho-a-poet-in-fragments-90823>>. Apenas uma imagem, de 470 a. C., aparecem Safo com o cabelo crespo e Alceu também de cabelo crespo e com aparência morena. Há mais de dez anos, Antunes (2014a e 2014b) se dedica a musicar os poemas de Safo, realizando em ato o que seria Safo: apenas ouvida e não lida.

2 Em Araújo, 2019, p. 03 e 04, consideramos a presença da poesia de Safo no Fedro, onde é citada, e no Lysis, obra em que Platão discute a questão da amizade e do amor como fonte da falta que, por sua vez, geraria o amor. Safo também é plagiada por Platão no Timeu quando o Demiurgo se confronta com a diferença sexual, e a supera por meio da resolução da diferença capaz de levar à harmonia musical.

3 O que, sobre a canção de Lesbos, teria dito, por exemplo, a Pythonisa do Oráculo nunca chegaremos a saber. Ambas comungavam com um sagrado cuja ascendência é o matriarcado minoico e, a decadência, as ideias de Platão. Apresentamos a tese do matriarcado minoico e das ideias platônicas no artigo intitulado “O Matriarcado Minoico (Keftiu) e a arcaica ausência de fronteiras entre arte, filosofia, política e religião” cuja versão bilingue está no prelo da revista Arethe, a ser publicada ainda em 2020.

do pensar erótico obliterado por homens brancos, incapazes de amar mulheres negras e suas crias. A falta de ética destes seres perante o divino fez deste um acontecimento quase não mais existente. Ainda hoje, impedem o pensar divino, de voltar a ser ‘sabedoria’. Com Safo, este pensar pode talvez vir novamente à tona, porque ele será devolvido a quem lhe é de direito: o sagrado feminino. Do que precisamos para que renasça aqui esta comunhão entre deuses e homens na totalidade e em forma de delírio, onde tudo é acontecimento?

Para que renasçam, aqui, as canções delicadas que nos maravilham sempre que Clio, a Deusa da História, é deixada ser — superação de todo mal — é preciso lembrar que os deuses são imortais. Cada vez que alguém se torna capaz de pensar arcaicamente, um Deus, uma Deusa se anuncia. É deste pensar que precisamos agora quando o desencanto e a agonia perduram, e a luta contra a ignorância volta a ser prioridade para todas e todos. Lutando contra o que estamos? Contra o desterro da ignorância. São os deuses que devem voltar a nos orientar. E um Deus é todo mundo sorrindo junto. Se esta premissa estiver certa, ainda assim, como voltar a ser feliz? Que, aqui, por meio das canções de Safo, isto possa voltar a ser, é o que desejamos. Tornar novamente atuante o saber de que a atuação do divino é mais corriqueira e cotidiana do que julgam os mortais: eis o nosso intuito primordial. Só assim será possível mudar a história que soçobra ao perder de vista o sagrado acontecimento do divino. Nossa tarefa não é pouca, ao contrário, é bem ambiciosa. Para sustentar a nossa proposição, apenas investigar as canções que já foram um dia capazes de mudar o curso da história. Isto pode soar insuficiente. Mas é possível. Impossível é enfrentar a lógica do capital sem recurso aos deuses. Precisamos deles. E, antes de mais nada, é preciso admitir que precisamos deles. Por isto, aprender como acontecem estes seres etéreos é preciso. Daí de nossa intenção se voltar para como junto a Eros e a Afrodite se torna possível alcançar, senão a totalidade, ao menos o alento necessário para continuar esperando pela presença do sagrado em nossos corações. Se, na história dos homens, a origem encantadora de Eros e de Afrodite foi esquecida não é por culpa da filosofia ou da história. É a evolução da técnica que nos impede de ver o óbvio. É preciso expulsar esta evolução da República!

Como lembrar-se da origem feminina do pensamento — sáfica, diotímica, ou mesmo délfica —, nos fará redescobrir o espaço necessário para que um Deus, uma Deusa volte a se anunciar? Como as luzes trazidas pelas canções de Safo podem nos ajudar a superar o niilismo que é a origem do mal? Entender que o mal maior é o desencanto quando perdura é um primeiro passo. Façamos da poesia uma oração, e, das canções uma revolução. No sagrado feminino, nada nos faltará. Sim, poderemos mudar o curso da história. Sim, tudo o que foi um

dia poderá vir a ser novamente, mas de outra forma: posto que a partir do olhar capaz de revelar o Ser como feminino esquecimento. Aletheia<sup>4</sup>. Sim, re-aprenderemos a respeitar o feminino em nós. A fim de prover a história de um porvir onde o inumano não mais seja, e assim ceda lugar aos deuses, cantaremos juntos com Safo. Mudar o destino ainda é possível? Sem o apoio daqueles que promovem o pensar noético, onde mortais e imortais são um só fenômeno, não. Para chegar aonde chegamos, em meio à mais cruel devastação da mãe terra, muitas pensadoras foram desprezadas. Chega. Façamos diferente. Façamos o caminho oposto ao desta demoníaca estrutura que se chama patriarcado. Talvez fiquemos alegres ao saber que estaremos seguindo as mesmas pegadas de Platão na leitura que este realiza de Safo, tanto no Fedro quanto no Timeu. Mas esta alegria não pode virar felicidade, porque se, sob os revezes do patriarcado estamos sujeitos, isto talvez se deva também por Platão ter ocupado o primeiro plano no nascimento da metafísica. Não podemos culpa-lo. Certamente ele não sabia que os nove livros de Safo viriam a ser perdidos na história da metafísica.

Preferimos acreditar que o filósofo talvez pensasse que estes livros estariam para toda a eternidade sempre à mão, presentes no horizonte dos amantes da poesia que nos permite aprender a ser divino. Terá suposto o sábio grego, além do mais, que nenhum mortal saísse incólume do aprendizado da maravilha que é o amor, e são os deuses. Isto porque os nove livros de Safo o atestariam, e isto em cada pequeno verso. Acaso soubesse, ao contrário, das revoltas protagonizadas pelas Erínias, entidades vingativas hoje mais atuantes do que nunca, Platão teria se ocupado em guardar os livros de Safo, para prouver a humanidade de um dos instrumentos mais incríveis de acesso às divindades que já existiu. Como apaziguar as Erínias? Ao invés da hybris que é auto-afirmação, que o pensamento se torne capaz de canções novamente! Para isto, será preciso louvarmos o divino em nós. Se sucumbirmos será, sim, por não termos dado suficiente espaço ou lugar de fala, hoje e sempre, para as entidades femininas que ainda são capazes de nos despertar para os deuses. No caso de sucumbirmos, será sim por termos dado lugar de fala apenas à poética legada pelo masculino que despreza o feminino, o próprio feminino, e o feminino do cosmos, que aqui chamamos de mãe terra. Na poética masculina, a reprodução incessante da técnica vence, e nós, todos nós, perdemos. Esta forma de existir também é poética, mas é uma poética onde o sossego já não é mais possível. A técnica é inimiga do sossego. Do sossego e do caráter. Sem sossego e sem caráter os deuses não podem ser chamados de volta. Apenas Erínias voltam. Agora um Deus,

<sup>4</sup> Verdade em grego, significa desvelamento.

ou uma Deusa podem voltar, a fim de promover o sossego que cura. Trata-se de um círculo virtuoso: o divino que traz o sossego, e o sossego que permite enxergarmos o divino. Se a história da filosofia for um exercício de superação dos pensamentos encobertos e descobertos por homens, todos fracassaremos. Para mudar isso que decidimos dar voz a Safo: porque ela é capaz de chamar nossa atenção para os lugares onde aqueles que ainda podem nos salvar costumam surgir. Em suas canções os deuses atuam. Saber como se dá esta atuação talvez nos faça lembrar dos fenômenos junto aos quais os deuses são em nós. Veremos porque o respeito e a preservação dos entes femininos<sup>5</sup> surge como condição sine-qua-non para que deuses e deusas possam retornar. Poder ter atenção a este devir, e investigar se este acontecimento pode ainda nos capacitar à superação do mal que avança sem limites pode soar estranho (Unheimlich -- conceito caro tanto à fenomenologia quanto à psicanálise). Mas isto apenas se o niilismo for o nosso “mais familiar” (Heimlich). Por distar da linguagem histórica que nos é habitual, a lírica que surge, para nós, como superação da metafísica patriarcal tende a permanecer estranha. Por isto mesmo que as canções de Safo têm mais potencial para mostrar o caminho da superação da metafísica: porque nos são estranhas. A princípio, pela distância histórica, saber como a aclamação de Safo é, na verdade, uma invocação à atuação dos deuses seria-nos impossível. Contemporâneos que somos de um niilismo onde o modo de atuação do divino torna-se quase insondável, questionar e atentar para o modo como o divino é morte e superação é, no entanto, ainda possível.

## Desenvolvimento

### 1. O *Frag. 31* e a *Fenomenologia do divino*

Em Safo, a morte aparece no fragmento 2 da edição Voigt, perante o homem (ὄνῃρ) que se mostra (φαίνεται) “par dos Deuses” (ἴσος θεοῖσιν) (2003, frag. 31, p. 21)<sup>6</sup>. Na tradução de Antunes (2014a):

<sup>5</sup> Veremos ser sobretudo em virtude de se realizar como canção que Safo se abre para a atuação dos deuses. Para chegar a este sentido, partimos da ótica das religiões de origem africana e orientais (sobretudo o candomblé e o budismo) a fim de superar a metafísica em que vigora o patriarcado.

<sup>6</sup> Utilizamos aqui os originais das edições *Voigt, frag. 2*, 2003; nomeado em outras versões de frag. 31, 2005. Conhecidos como Papiros de Oxirrínco são fruto do trabalho arqueológico realizado durante os séc. XIX e XX no Egito Antigo. Deduz-se que os poemas de Safo de que dispomos, ou foram gravados em vasos antigos, ou foram enterrados com pessoas que talvez

“Ele me parece ser par dos deuses,  
O homem que se senta perante ti  
E se inclina perto pra ouvir tua doce  
Voz e teu riso  
Pleno de desejo. Ah, isso, sim,  
Faz meu coração ‘stremecer no peito.  
Pois tão logo vejo teu rosto, a voz  
Perco de todo.  
Parte-se-me a língua. Um fogo leve  
Me percorre inteira por sob a pele.  
Com os olhos nada mais vejo. Zumbem  
Alto os ouvidos.  
Verto-me em suor. Um tremor me toma  
Por completo. Mais do que a relva estou  
Verde e para a morte não falta muito  
É o que parece.”<sup>7</sup>

---

desejassem ser enterradas com os seus poemas. Seus nove livros permanecem perdidos.

7 Trazemos abaixo o mesmo poema em tradução de Tereza Virgínia Ribeiro Barbosa (2017):

“Fulgura como os deuses um que me  
surge, varão, que, diante de ti,  
se assenta, e, junto, dócil a que  
fala e ri ardente  
escuta, e isso, de pronto,  
me desatina no peito o coração!  
Pois, no que te vejo, súbito eu nada  
mais sei falar,  
assim, logo se me enrola a língua; sutil,  
num íntimo, um fogo dispara sob a pele  
e, nas vistas, nada diviso; os ouvidos  
trovoam,  
dá suor me poreja de alto a baixo, então,  
tremuras me tomam toda, orvalhada fico, mais  
que a relva, com pouco lassa, morta  
figuro estar,  
e, toda impudente, baldia já...”

e no grego:

φαίνεται μοι κῆνος ἴσος θεοῖσιν

E em nossa tradução:

“Aquele que divinamente reluz  
Honor de homem que defronte  
Senta-se no oblíquo  
e à sua voz deliciosa  
ouve.  
ao teu sorriso glauco (quer devorar?)  
Um ataque cardíaco dispara no meu peito  
...Oh extraordinário  
falar  
não posso mais  
O terror me invade.  
E a língua langue  
E o sangue arde  
Fecho os olhos  
E só zumbidos ouço  
Gélida tremo  
Toda verde fico  
morro  
no que reluz.”

---

ἔμμεν' ὦνηρ, ὅττις ἐνάντιός τοι  
ἰσδάνει, καὶ πλάσιον ἄδν φωνεῖ-  
σας ὑπακούει  
καὶ γελαίσας ἡμέροεν, τό μ' ἦ μὰν  
καρδίαν ἐν στήθεσιν ἐπτόαισεν·  
ὥς γὰρ ἐς σ' ἴδω βρόχε', ὥς με φώναι-  
σ' οὐδ' ἐν ἔτ' εἵκει·  
λλ' ἄκαν μὲν γλῶσσα †ἔαγε†, λέπτον  
δ' αὐτίκα χρῶι πῦρ ὑπαδεδρόμηκεν,  
ὀππάτεσσι δ' οὐδ' ἐν ὄρημμι, ἐπιρρόμ-  
βεισι δ' ἄκουαι·  
καὶ δέ μ' ἴδρω ψυχρὸς ἔχει, τρόμος δὲ  
παῖσαν ἄγρει, χλωροτέρα δὲ ποίας  
ἔμμι, τεθνάκην δ' ὀλίγω 'πιδεύης  
φαίνομαι †  
λλὰ πὰν τόλματον, ἐπεὶ † καὶ πένητα



O divino (θέοισιν) se anuncia primeiro junto a um ‘estranho’. É desconcertante o fenômeno que surge defronte (ἐνάντιός). “Aquele” (κῆνος - kenos) que surge como causa de desejo na tríade (homem, amada e eu-lírico) seria desejado por quem senão a amada do eu lírico? No final será impossível saber. É estranho que a voz e o sorriso desta amada se mesclam à figura masculina no instante mesmo em que o olhar do eu-lírico (que vê a cena, e que talvez sinta ciúme ou inveja) entra em torvelinho. Atentemos: ainda que o divino se evidencie no homem, é antes por causa da amada “que se senta perante” ele que ele se torna divino. Reflitamos: será a ação de se sentar em frente à amada que o torna, ao kenos (aquele)<sup>8</sup>, um ser divino <sup>9</sup>? Em outros termos: ser “par dos deuses” (ἴσος θεοῖσιν) seria menos uma dádiva causa de desejo do que uma virtude causada pelo olhar da mulher que, na verdade, é quem torna o homem divino? A partir destas questões, chegamos à hipótese de ser atenção devotada pela amada o que funciona como moto causa de divindade, ou seja, como o que torna divino o homem. Em outras palavras, é em virtude da tríade que o que se mostra é o que se vê: o divino é advindo da tríade onde a mulher amada pôde ser plenamente — causa de desejo. Será que esta mulher, a ἐραστής (amante) que se torna um ἐρώμενος (amada), ocupa o lugar de mãe, simplesmente, ou até “de santo”, que permite o canto, ou mesmo “o santo”? “Pleno de desejo” o homem surge no torvelinho que o torna divino: na erótica que o torna “par dos deuses” o olhar feminino é indispensável, e é precisamente no canto de quem reclama para si também aquele feminino capaz de tornar divino que se realiza plenamente a divindade: nem antes nem depois do canto. O canto que eterniza a cena é indispensável ao acontecimento do divino<sup>10</sup>. E este é um pri-

8 Segundo o Bailly, deste termo serão derivados keanon, canon, cânone. “φαίνεται μοι κῆνος ἴσος θεοῖσιν”, Voigt, 2, p. 21, 2003; e 2005, frag. 31, p. 439; também presente no frag. 69 “e então eles todos” (“κῆνοι δ’ ἅρα πάντες”, 2003, p. 95).

9 É interessante relacionar como a tríade que causa o estranho é causa de loucura e morte também para a psicanálise. Atesta-o a leitura do surto de Lowenstein (JERUSALINSKY, 1996) levada a cabo por Jacques Lacan. Trata-se de uma tríade onde entra em surto psicótico a protagonista: quando defronte ao marido e sua parceira de dança ela simplesmente surta, de modo a passar a requerer tratamento sempre. Aqui, de modo semelhante, “o surto” enquanto a morte soa como uma competição entre a voz do eu-lírico e a do homem. É por este receber as carícias da amada que ele se torna divino e o eu-lírico “morre”. Sobre o “kenos” no poema de Safo: considera-se “kenos” traduzido por “aquele” como designativo de quem está no lugar do acontecimento do divino, isto tanto em Safo quanto também na *Iliada* e nos povos Yanomami (Sobre o uso do kenos na *Iliada* e nos povos Yanomami, onde recebe outro nome Cf. KOSMOS SOCIETY, 2018), sendo desperto para a presença da divindade, o ‘kenos’ ou ‘aquele’ também se tornaria divino. Nas artes da caboclagem comungam de uma mesma essência as sabedorias indígena, quilombola e grega

10 Safo, além de cantora, teria sido professora da amada do frag. 31, o que a torna semelhante à possível guardiã-filósofa da República platônica. O que ela guarda? Ela guarda a possibilidade do divino. Ela ensina o difícil aprendizado da necessidade de se esperar os deuses acontecerem. Ensina também a verdade de que, para quem espera, os deuses sempre acontecem. A situação

meio aspecto a ser enfatizado: a eternidade para quem se endereça o poema. A divindade no homem se dá, também, pelo papel que a tríade<sup>11</sup> lhe confere — é esta tríade que faz com que o desejo bascule — entre o homem e a amada, e faz com que aquela que canta veja, na cena, surgir a morte onde ela se precipita. Na cena onde “para a morte não falta muito”; e “zumbem os ouvidos”; é-se tomado por um “suor”; quem canta fica “verde” “mais verde do que a relva”. A eternidade, que o canto torna possível, é a causa fundamental do desejo e, a consequência, a divindade. Trata-se de uma vertigem erótica que se dá entre a eternidade facultada pelo canto e as duas mulheres perante um homem que, por tudo isto, se torna divino, ou seja, capaz de comunhão com os deuses. Frise-se: esta divindade se dá como consequência, e não como causa. Na cena que torna evidente o divino, o limite da morte não é casual. É fundamentalmente a morte o que causa, em última instância, o amor: a morte na figura da eternidade que a lírica torna possível. Temos aqui, por fim, uma abertura para a compreensão do advento do divino tal como pode ter tido lugar no matriarcado<sup>12</sup>: onde a divindade acontece sob os auspícios de uma fêmea, isto quer dizer, de um ser feminino, seja ela Deusa, totem, sacerdotiza ou cancioneira.

## 2. *A Fenomenologia do divino versus nossa época*

Surgir como uma divindade para o olhar de outrem: a lírica de Safo torna esta experiência única o destino de quem canta. A hipótese levantada por Heidegger -- de que somente ‘um Deus ou uma Deusa possa nos salvar’ -- é, sob este prisma, parte do destino de quem canta, ou a essência mesma de quem se julga capaz de superar as atrocidades da própria época. Tornar-se capaz de ouvir os deuses: eis a que nos destina a experiência grega do canto. O frag. 31 é apenas uma pequena janela para o que significa se tornar imortal em solo grego: é para este destino singular que Safo nos destina, assim como a qualquer um que se deixe tomar pelo seu arcaico legado.

---

professor-aluno, em especial, permite o despertar para esta necessidade: da espera.

11 É importante notar ser a tríade em questão que permite que o divino surja também no final do Symposium; é Sócrates que surge como agalma (causa de desejo) tanto de Alcebiades quanto de Agatão neste outro cenário. É Lacan quem primeiro chama a nossa atenção para o caráter singular da tríade em que o amor se descortina como divino junto ao Banquete onde Alcebiades vê o agalma (a estátua que brilha como o divino) em Sócrates e isto, a princípio, apenas em razão do olhar de Agatão na tríade instalada (Araújo, 2013). Sócrates é, nesta medida, considerado pelo psicanalista francês como um “objeto a” por advir como o estranho objeto do desejo em uma tríade. Alcebiades nutre inveja da relação entre Agatão e Sócrates, em última instância.

12 A metafísica patriarcal torna esta experiência impossível. Agora, rápido os homens, quando sob o olhar feminino, se consideram divinos e se esquecem de que devem esta divindade ao olhar que passa rápido a o desprezar.

Em contraposto, como se dá o desejo de se tornar divino em nossa época? Nosso desatino foi sair do âmbito dos deuses para permanecer apenas no panteão das imagens, onde não uma Deusa, ou um Deus comandam, mas antes uma obsessão atordoante por imagens tem lugar. A confiança de que as imagens possam conferir identidade nos tira do âmbito da possibilidade para o âmbito da impossibilidade de retorno dos imortais. Acontece que estes que se ausentam em proveito da febre por reconhecimento ainda podem voltar. Agora, paira no ar algo demasiadamente estranho: por um lado, compreendemos ser parte da essência humana o desejo de se eternizar; por outro lado, este desejo é perigoso porque pode passar a ser a causa da evasão dos imortais. Dá-se, com isto, uma fissura. Sem a atuação do divino, alinhamo-nos rápido demais à técnica, e nos esquecemos do óbvio: de que precisamos do divino para nos salvar.

Não é isto o que acontece com Safo. Nela, o divino requer o fenomenal. Quem não ascende ao divino enquanto feminino acontecimento, nesta medida, pode ter dificuldade para apreciar suas canções. Mas é preciso não desanimar: por que se trata de um poder ser raro na época do patriarcado. Para podermos transformar a metafísica, é preciso poder problematizar o ente que somos como fenômeno marcado pela possibilidade do feminino: eis o lugar para o qual nos destina suas canções.

### 3. O *Frag. 16* e a *Fenomenologia Erótica*

É no manto púrpura (πορφύρεω) que surge Eros: em um dos fragmentos mais enigmáticos, Safo canta — “Eros vindo do céu em púrpura envolto” (frag. 16, p. 51, 2003). A partir deste fragmento podemos reconhecer Eros como síncrono ao manto erótico de Odysseus na *Ilíada*<sup>13</sup>. Púrpura era também a cor do manto dos rapsodos. Vale situar: Lilás é a cor dos Orixás mais ligados à morte. A guerra, ao contrário, é cinza<sup>14</sup>. Dizer que, em Safo, a guerra perde lugar para o amor não significa dizer que a poetisa despreze aqueles que amam a guerra:

13 Odisseia vv. 80:5. Também surgem púrpuras as ninfas e outras entidades divinas em vv: 50: 4; 100:9; 110:10; 150:2; 300:7; 350:4. A mesma cor, conferida a Eros, sinaliza o amor no Fedro: “Quando Sócrates veste o manto dos deuses”, surge “a visão da beleza corporificada no belo rosto do amado (Alcebiades).” Eros erotiza junto à forma (Εἶδος). (Cf. Gordon, (também para ref. ao manto dos rapsodos), p. 202). Também no Antigo Testamento: “vestes reais em azul e branco, uma grande coroa de ouro e um manto púrpura de linho fino.(...) (para felicidade, alegria, júbilo e honra).” *Ester 8:15-16*.

14 Sobre como os gregos viam as cores: Alexander, Caroline. “A Winelike Sea Homer’s famous “wine-dark sea” has left scholars wondering: how did the Greeks truly see the sea? LAPHAM’S Quarterly. Disponível em: <<https://www.laphamsquarterly.org/sea/winelike-sea?fbclid=IwAR1hLm4zEgVE-1HwEp29xz7eb69KJ-IIj18DsIbFqNnBF2ERcKK7NoQ-5sA>> Acesso em 21/09/2019. Grata a Leonardo Antunes pela indicação.

“Uns, renque de cavalos, outros, de soldados,  
outros, de naus, dizem ser sobre a terra negra  
a coisa mais bela, mas (digo): o que quer  
que se ame.” (27, 16, Voigt, p. 438, 2003)

Apenas para quem os ama, a guerra, sob a forma de soldados e naus é amável. Isto significa: podermos notar que a guerra vem depois, em grau de importância, ao ato de se amar. O “que quer que se ame”, isto quer dizer, amar é mais importante. A “coisa” amada é relativizada. Pode-se amar tudo, ou qualquer “coisa”. Já o ato de amar não — este ato é universal. E ele é capaz de tornar qualquer coisa bela. Pode-se amar a guerra, o fenômeno da guerra. Ainda assim irá imperar, antes, o amor. Sustentar que é do amor que sempre partimos e para onde sempre vamos sinaliza para a perspectiva de que seja este o fenômeno mais importante para todas e todos. Para o amor sempre podemos retornar: eis a chave de leitura das canções sáficas. Trata-se de uma fenomenologia aberta, antes de mais nada, para o futuro: para a descoberta de que, quando se ama, a coisa amada se torna bela. A causa é o amor, e a consequência a beleza. A causa, Eros; a consequência, Afrodite.

Sob esta ótica, se esconderia, nas canções de Safo, não tanto uma história, mas uma mitologia, isto é, palavras que, no ato de fala, são capazes de nos lembrar o que amamos, como amamos e porque amamos. Chamamos isto de sagrado. As Musas se dariam já aos mortais, mediante Eros, no ato destes de ceder lugar às suas admiráveis revelações. No que diz respeito ao divino, podemos agora diferenciar — um divino relegado ao âmbito dos mortais e outro — onde os imortais atuam. Negado aos mortais, como podemos saber disto — do divino como do âmbito dos imortais?

#### ***4. A Fenomenologia dos imortais em Safo***

Não podemos terminar este artigo sem indicar o modo como os deuses atuam: Na performance, quando a morte da (o) mortal se dá. O canto é o ato de dar asas ao ‘eu-lírico’ onde o nous<sup>15</sup> (pensamento) se pode desfrutar. Isto porque ele firma na Deusa Afrodite para poder ser canto, mas isto apenas para que aquela que canta, o eu lírico, logo encontre de novo a morte. Nisto, na morte do eu-líri-

<sup>15</sup> *Nous* a palavra grega para pensamento. Trata-se de um pensar entusiasmado, isto é, pleno de deuses. Aqui pretendemos defender a existência de um *nous* que se sabe e se quer feminino, daí o seu uso no contexto de um artigo que busca dar voz a uma mulher. Trata-se de enaltecer o desdobramento intuitivo que tem lugar junto aos gregos e que, mediante um retorno aos gregos, pode passar a se tornar visível em todo e qualquer acontecimento.

co, que o tempo e o espaço dos deuses podem ter ocasião. Conta, para tanto, a capacidade do eu-lírico de se doar para a morte e, assim, morrendo enquanto ‘ego’ conseguir trazer o erótico para o canto. A atuação de Eros e de Afrodite surge como condição de um vôo que se realiza, e é atestável na própria poieses (fazer) da poesia. A morte do ‘eu-lírico’ não é um acontecimento fortuito. A morte é necessária. No vôo que a poesia dispõe, o acontecimento divino, que é o nous<sup>16</sup> causado por Eros, passa a reger o cosmos como um todo.

Nos poemas sáficos isto — do amor reger o cosmos — se dá tanto por meio do encontro amoroso, sempre fatal, quanto por meio do próprio canto<sup>17</sup>. É tanto na medida em que, no canto, o eu lírico cede lugar à atuação dos deuses que a morte se dá. Mas também na ausência do amor a morte é experimentada.

Safo pede a Afrodite, no poema homônimo, por exemplo, que a livre da falta que seus amores lhe causam. É a partir de um nous, a um só tempo, clarividente e duplo<sup>18</sup> que a Deusa ela mesma é quem responde. A Deusa consola a poeta dizendo que: por um lado, seus amores e a ‘eu -lírico’ estão e estarão sempre juntos; por outro lado, a Deusa pede que “a que ama” espere (“com tranquilidade” o amor), pois logo o destino mudará, e “quem dela escapa logo a perseguirá”.

Conclui-se: o pensamento, o nous, no grego eólico de Safo<sup>19</sup> é capaz de revelar os segredos do tempo e do espaço dos imortais como prenhes de eternidade e, assim, também da onisciência para a qual se devota a poera. No pensamento onde as imortais cavalgam<sup>20</sup> dá-se como que uma suspensão do tempo cronológico em proveito da eternidade. Percebam — isto, a suspensão da mortalidade humana em proveito da imortalidade divina não trará o paraíso: pois o amor erótico, neste caso, é também tomado como causa de tormenta (frag. 19, 2003, p. 53). Por fim, será mais por ser causa de destino que Eros será desejado. A

16 Para o nous em Safo ver os próprios fragmentos: 2003, “noema” (νοῦμα) (frag. 25, p. 59); “noon” (νοὺν) (frag. 86, p. 111); nun, (νὺν) (frag. 14, p. 143); noema, (frag. 6, p. 159); e, finalmente, [n]on ([v]ων) (frag. 10, p. 41) ao qual tecemos maiores comentários na nota 4.

17 Em “Ode à Afrodite” Lucrécio dá igualmente a ver esta possibilidade, de sabermos do amor como causa de ventos, céu, flores, sorrisos oceânicos, cito: “Ante a tí se ahuyentan los vientos, las nubes del cielo se disipan; la Tierra despliega bajo tus plantas ricos tapices de matizadas flores, la superficie del Océano te sonríe, y el límpido cielo derrama torrente de clara luz. Apenas vuelven los hermosos días de la primavera, apenas el cautivo céfiro ha recobrado su hálito fecundo y ya las aves que pueblan los aires anuncian tu presencia”. (Lucrecio, 2003, p. 1-49)

18 “Não sei o que faço: duas são as minhas mentes...” (ouk oid’otti theo duo ta noemata, frag. 51, Ragusa, 2005, p. 444.)

19 Cito: Nun ([v]ων, 2003, frag. 10, p. 40 ) 2003, “noema” (νοῦμα) (frag. 25, p. 59 e frag. 6, p. 159); “noon” (νοὺν) (frag. 86, p. 111); nun, (νὺν) (frag. 14, p. 143); e, finalmente, [n]on ([v]ων) (frag. 10, p. 41).

20 Menção livremente poética às Éguas do poema “Peri Physis” conferido a Parmênides mas ditado pela Deusa.

Deusa é tida como criadora de mitos (μυθοπλοκος) (frag. 19, 2003, p. 53) onde o vir a ser é sempre extraordinário acontecimento.

### 5. Safo em Platão

“τὸν ἔρωτα οὐκ Ἀφροδίτης καὶ θεὸν τινα ἡγῆ;”  
Não achas que Eros seja filho de Afrodite  
e também um dos Deuses?  
(Platão, Fedro, 242d)

“Ἐννέα τὰς Μούσας φασὶν τινες· ὡς ὀλιγώρως· ἡνίδε καὶ Σαπφὸν Λεσβόθεν ἡ δεκάτη.” (Antologia Palatina 9.506; Platão, TLG, 1965/1968). Erguida ao panteão daqueles cujo canto repercute primeiramente nos deuses<sup>21</sup> — Platão nomeia Safo a décima musa: “As musas seriam em número de nove, esquecem-se de Safo, a décima”<sup>22</sup> — e, defendemos, será em parte devido à influência exercida sobre Platão que a potência do amor, antes restrita ao campo dos fenômenos, passará a funcionar no campo ontológico. Feliz, ou infelizmente, o amor, partirá, em Safo, de uma relação entre fenômenos, para ser aquilo que é capaz de tornar divino o Demiurgo. Neste contexto, da imortalidade, a alma passa, instantaneamente, à mortalidade: e isto senão para voltar a se tornar capaz de imortalidade. Amor e morte em uníssono é, para nós, o que subsiste da letra de Safo em Platão (Fedro, 246c).

O reconhecimento de Eros, além de através da visão, como no exemplo do púrpura, poder-se-ia dar por meio do paladar. O doce-amargo (glykopycros) é a marca de Safo na caracterização desta criatura “solta-membros” que é referida também como fatal, inelutável: “Eros de novo — o solta-membros — me agita, doce-amarga inelutável criatura...” (Frag. 130, Voigt). Também em Platão, mais precisamente no passo 71b do Timeu, o doce-amargo (glykopycros) surge<sup>23</sup>. Se, em Safo, os “membros” se soltam, o doce-amargo se anuncia, e

21 Sobre quando os poetas cantam para os deuses: Torrano, 2013, 55-63.

22 Já Stobaeus, no Florilegium, relata uma anedota que teria acontecido em um Symposium (espécie de sarau literário/ político/ filosófico em que, após um banquete, intelectuais discutiam temas diversos embalados por música e dança) no qual o sobrinho de Sólon estava recitando um dos poemas de Safo. Sólon então pede que este o ensine o poema. Alguém lhe pergunta por que ele perderia tempo com aquilo. E Sólon responde: “Para que possa aprendê-lo, e morrer” (Burton, 2013). Também no *Fedro* (235c) Safo é trazida como poeta maior, ao lado de Anacreonte.

23 No grego: τῆς μὲν πικρότητος ἡσυχίαν παρέχουσα τῷ μήτε κινεῖν μήτε προσάπτεσθαι τῆς

quem canta “enrola a língua” é porque Eros se aproxima. Neste aí do canto já se precipita o eu na morte — e é Eros novamente quem se impõe. Já no *Timeu*, o doce-amargo ficará a serviço da divinação que, ao mesmo tempo, torna a alma mortal. Isto é: na *physis* em jogo no *Timeu* também a alma se revelará mortal (69d-73b) a partir de uma dinâmica onde o doce-amargo assume proeminência<sup>24</sup>.

## 6. *Eros em Safo*

Onde “os sentidos” se perdem, o que vêm à tona vem “montanha abaixo”, caindo sobre as árvores: “... Eros sacudiu meus sentidos, tal qual vento montanha abaixo caindo sobre as árvores...” (frag. 47, Voigt). A metáfora talvez seja mais do que uma imagem. Na poesia de Safo não será a primeira nem a última vez que uma montanha será vista dançando, ou melhor, caindo. Se Eros sacode os sentidos de quem canta, a ponto de soltar-lhe os membros, talvez seja oportuna a pergunta do por quê de, afinal, tê-lo, ao amor, como causa primeira do canto e do desejo. Isto é: Eros, se tão destruidor, por que, afinal, cantá-lo, e se perder em sua presença, inelutável criatura?

Enlevada pelo poder da clarividência provinda do *nous*, serão os poemas cantados e re-cantados, justamente por serem capazes de transformar quem os canta em entidades de onisciência. Em outras palavras, o canto é quem torna quem canta uma entidade sábia ou onisciente, já que o tecido do canto é ele mesmo isto, *logos* enquanto linguagem, ou, onde todos precisam habitar para ser. O canto se eterniza porque através dele é lançada a semente da possibilidade de renascimento do divino em nós, ou no pensamento, isto é, no *nous* que pode nos tornar sim oniscientes. Esta semente passará a ser legada por várias gerações. Nisto os gregos se assemelham aos cantos africanos e indígenas. É neste sentido que Afrodite é dita “tecelã de mitos” (frag. 19, 2003, p. 53) — por ser em meio a ela que tem lugar a ascensão de um *nous* onde o amor é sabido como causa primeira de tudo o que é na e por meio da linguagem. Em outras palavras: isto que nos permite enxergar passado, presente e futuro é a homenagem que a cantora realiza aos deuses. A oferenda, que é a poesia, consegue trazer os deuses à baila por ser sobretudo o ato de dar voz aos deuses o ato cancionero.

Em suma, para enxergarmos Afrodite e seu filho Eros, o amor, é preciso

---

ἐναντίας ἑαυτῇ φύσεως ἐθέλειν, γλυκύτητι δὲ τῆκατ' ἐκεῖνο συμφύτω πρὸς αὐτὸ χρωμένη καὶ πάντα (71b). Mais sobre a influência de Safo em Platão vide: Araújo, Fabíola, 2019.

24 Dos nove livros de Safo que foram perdidos, acreditamos que ainda muito ainda falta ser encontrado nos diálogos socráticos. Defenderemos, em nossa tese de doutorado, a ser defendida em 2022, que Safo foi inspiração primeira rastreável sobretudo na escrita do *Timeu* e do *Fedro*.

lembrar 1) que só ele é capaz de trazer o extra-ordinário, e a imortalidade, para ser novamente; 2) que ainda que este extraordinário possa ser em cada instante, por hábito nos esquecemos dele — mas o canto, isto é, a música pode sim, trazê-los de volta: ao lembrar que o sagrado que habita em todos é e ainda pode ser. É, assim, para não perdermos de vista o amor e a verdade de que nos são sempre possíveis os deuses que o canto pode e deve renascer. Sobre verdade que é capaz de reunir beleza, bondade e justiça — e que assim se faz plena no horizonte mais arcaico<sup>25</sup>, o que Safo nos conta?

A fala que se destina à totalidade, segundo Safo, seria capaz de advir junto à justiça, numa ética que se anuncia fora do tempo dos mortais<sup>26</sup>. No fragmento 12, há uma repreensão, da poeta a uma possível amante sua que se postou tagarela: “Quero dizer-te uma coisa, mas me tolhe o pudor [...] fosse, o teu, um desejo por algo nobre e bom, não te estalasses na língua umas palavras feias, nenhum pudor velaria os teus olhos [o que é certo – δίκαιος – tu dirias]” (SAFO, 2003, frag. 12, p. 47)<sup>27</sup>. A repreensão revela uma relação estreita entre a fala e a justiça, repetimos a letra sáfica: se o desejo é por algo nobre e bom, palavras feias não serão sequer enunciadas. Para que a nossa leitura não adquira um tom moralista, contrário à época em questão, é preciso lembrar dos versos do fragmento 4, onde o amor surge junto à chama da esperança: na medida em “que ele (o amor) mais deseja tudo realiza” (παντᾶ τελεστέν) (SAFO, 2003 p. 25).

Finalmente, falta pensarmos esta questão: a que se destina o amor. Mas ao que se destina o amor deve permanecer uma questão, ao menos se desejarmos seguir o já comentado frag. 16: “O que quer que se ame” é aquilo que se ama. Isto é: somente o amor pode libertar o que se ama para ser simplesmente o que se ama. Aí, a beleza será retirada de seu caráter contingente, e convidada a ser a partir do pensamento que nasce sempre inaugural: “quantas vezes para este lugar em pensamentos (vov - nous) voltada” (frag. 10., 2003, p. 41).

Este lugar para onde nos voltamos tantas vezes quantas amamos qual é? Senão o lugar de Eros, a saber, o panta (πάντα), a totalidade, desde a qual o Deus é e só pode ser por meio de um canto mortífero capaz de tornar imortal o poeta, a exemplo do modo como Exu é evocado como santo no Candomblé ou Arcanjo

25 Cf. Torrano, Jaa. “O Pensamento Mítico no Horizonte de Platão”, p. 21- 28. São Paulo: Annablume Clássica, 2013.

26 Acerca da diferença entre ética e moral: Feitosa, Charles. <<https://www.facebook.com/am-aral.work/posts/222933861860008>>. Acesso em 23 de julho. Fazemos aqui nossas as palavras de C. Lima: “

27 Aristóteles comenta este fragmento na *Retórica*, dizendo ser por meio do pudor que se pode chegar à justiça no *Livro I, capítulo 9, passo 18*.



Miguel no sincretismo<sup>28</sup> cristão. Para que se revele a totalidade, a presença de um Deus deve ser. Descortina-se, assim, o que não apenas os poetas, e a partir destes os filósofos puderam ver. Aquilo que todos os seres divinos, e alados, descobrem. Que, para conseguirmos ouvir as palavras auríferas de um Deus novamente é preciso, antes, nos deixarmos enlevar para o plano dos imortais.

## Conclusão

Estudamos os Fragmentos 1, 2, 4 (2003), 5, 6, 10 (2003), 12 (2003), 14, 16 (Voigt), 19 (2003), 25, 31, 47 (Voigt), 51 (Voigt), 69, 86, 130 (Voigt). Para tentar ouvir o sentido último das performáticas canções de Safo, partimos do divino ‘naquele’ (kenos), isto é, ‘aquele’ homem que se torna divino em consequência do olhar feminino. Se aquele em que se avizinha o divino surge ‘divino’ entendemos isto, primeiramente, como possível em virtude de o seu lugar ser desejável. Em sendo este, propriamente, o lugar de Eros, o ‘para onde’ Ele nos lança, um lugar que eterniza mas também que “atormenta” (frag. 19, 2003, p. 53), cabe um elogio a Safo: eis uma poeta que não escamoteia distante mas sim se atira na totalidade dos imortais. Daí, e por isto, de sua capacidade para nos lançar maravilhados sempre novamente para este canto que é delírio esquecimento. Isto só a poesia de Safo pode de novo nos causar é o que acreditamos ser a essência da superação da metafísica. Algo que acontece mais como um segredo: de que o amor sempre vencerá. Quem não conhece Safo não sabe o máximo a que a humanidade pôde chegar em matéria de comunhão com os Deuses. Trata-se, de outro modo, da descoberta de um reino da imortalidade que só se tornou possível graças à sua performance-canção. Sob este prisma, Safo pode ter sido o bastião a partir do qual metafísica patriarcal veio a ser. É verdade, esta interpretação é possível. E é possível sobretudo se tomarmos seriamente a possibilidade de Platão ter se deixado tomar pela dionisiaca, delphica sabedoria de Safo. Pois bem: por isto mesmo que, para superarmos de uma vez por todas esta metafísica será preciso, mais uma vez, sorver-lhe a magistral essência. Safo: um cometa em forma de estrela cadente que nos recorda a essência do amor como necessário e urgente acontecimento.

Eros, em Safo, aparece como desejável porque nele se anuncia a morte. A morte nela mesmo: sermos lançados em um horizonte mítico — no para além

28 Vale lembrar: sincretismo, a palavra enquanto conceito faz menção à Creta, cidade do Matriarcado das Minoans.

do tempo-espço dos mortais — e isto por meio do tecido poético da Deusa. Tendo o amor alcançado a sua mais plena forma de realização, mostrar-se-á como acontecimento que talvez cause não exatamente um vir a ser mas, mais propriamente, um estranho (Unheim) “não ser”. A partir desta destinação, podemos nos deixar reger pela *physis* enquanto lugar de acontecimento do divino. E será este o legado de Safo que Platão decidirá assumir sobretudo no final de uma de suas obras mais célebres — o que pode ser atestado com a presença do doce-amargo (glipocripos) no *Timeu*.

A própria constituição do real sendo feita por fios poéticos, dos mitos como fios entrelaçados, e o poder de tecer e desfazer estes fios (*λυσσομαι*) sendo reservado à Deusa e a Eros, caberá aos ouvintes a seguinte descoberta: do modo como eles próprios podem se descobrir a si mesmos como também regidos por este real, do desejo de imortalidade que torna divinos a quem se deixa levar pela ética do amor e da beleza, e por este acontecimento poético chamado Eros que é repetição de experiências lúdicas legada e ‘repetitíveis’ por quem tiver coragem suficiente para se deixar tomar por um Deus ou uma Deusa. É preciso lembrar: que a imortal Afrodite só pode tecer seus ardis (vide frag. 1, 2005, p. 424-425)<sup>29</sup> no instante em que nos deixamos tomar pelo acontecimento, o nous clarividente, que, por sua vez, se mostra ele mesmo como uma experiência de abertura onde a verdade é governada por Eros.

Em sendo dádiva realizada, plenamente, por nove musas que teriam cantado primeiro aos próprios deuses do Olimpo, dádiva de que os poetas são vistos como meros filtros, os versos sáficos seriam, além do mais, capazes de evidenciar como e onde nasce a música que revela o ouro de Afrodite enquanto tal (frag. 05). Este âmbito, apesar de ser um lugar onde “poeticamente” desde já habitamos é também um lugar para onde raramente atentamos. Isto por ser preciso, para que se dê tal atenção abençoada, um nous — o pensar clarividente, ou o pensar capaz de onisciência — que aos imortais apenas é possível. A nós, tão somente quando em comunhão com eles, ele pode se tornar possível.

<sup>29</sup> “ποικιλόθρον’ ἀθανάτ’ Ἀφρόδιτα,  
παῖ Δίος δολόπλοκε, λίσσομαί σε, (...)   
ἀλλὰ τυῖδ’ ἔλθ’” (Ragusa, 2005, p. 424)

De flóreo manto furta-cor, ó imortal Afrodite,  
filha de Zeus, tecelã de ardis, suplico-te: (...)   
para cá vem.” (Ragusa, 2005, p. 425).

Para versão musicada do frag.1 : <<https://www.youtube.com/watch?v=YxVJ-Er9Qbw>>, produzido por Antunes, em 2013.

Talvez aqui se torne um pouco menos preocupante o aforismo de Heidegger: Se apenas um Deus ou uma Deusa podem nos salvar<sup>30</sup>, não há tanto com que se preocupar. Ainda que não estejamos aptos para os perceber como outrora, um Deus ou uma Deusa hão de acontecer sempre, sendo parte da essência humana isto de se abrir para o divino que eroticamente nos realiza. Resta saber quando, na época da técnica, cansaremos de habitar no lugar dos mortais apenas. Para que os imortais possam voltar a confiar em nós, precisaremos tomá-los como guias novamente. É certo que retornaremos: no pensar que concatena cosmos e desejo erótico -- sem o qual a vida não vale a pena -- retornaremos. Seja nas rédeas de um búfalo, nas asas de um tufão, ou em uma parmenídica carruagem. Retornaremos. No pensamento (noûs) que enlaça a totalidade (panta), via justiça (dike); e que, por fim, atrai o daimon para ser na verdade. Retornaremos<sup>31</sup>.

30 Referência à sentença “Só um Deus pode nos salvar” pronunciada por Heidegger em *Caminhos da Linguagem*.

31 Homenagem à Sophia de Mello Breyner Andresen que na poesia *Ressurgiremos* canta o movimento sin-crético em seu eterno retorno, o que me foi lembrado em certo dia de quarentena por Rafael Brunhara, exímio tradutor de Safo e de quase toda poesia antiga remanescente, a quem, por isto, carinhosamente agradeço.

Recebido em: 17.11.2019 | Aprovado em: 31.03.2020

## Referência Bibliográfica

ALEXANDER, Caroline. A Winelike Sea Homer's famous “wine-dark sea” has left scholars wondering: how did the Greeks truly see the sea? Lapham's Quarterly: Disponível em: <<https://www.laphamsquarterly.org/sea/winelike-sea?fbclid=IwAR1hLm4zEgVE-1HwEp29xz7eb69KJ-Iljl8DsIbFqNnBF2E-RcKK7NoQ5sA>> Acesso em 21/09/2019.

Academic Rigor, Journalistic flair. The conversation. "Imagens de Safo", disponível em: <<https://theconversation.com/guide-to-the-classics-sappho-a-poet-in-fragments-90823>>. Acesso em 9/09/2018.

ARAÚJO, Fabíola Menezes de. O Feminino em Platão. Revista Ananke. 2019. Disponível em: <http://www.revistaananke.com.br/index.php/ananke/index>> Acesso em 5/11/2019.

\_\_\_\_\_. O véu do inconsciente e a questão da angústia. Cad. psicanal., Rio de Janeiro, v. 35, n. 28, p. 149-168, 2013. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-62952013000100009&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-62952013000100009&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 16 set. 2018.

ANTUNES, C. Leonardo B.. Abordagens de tradução poética para Safo Fr. 31. *Revista Letras*, v. 89, p. 223-236, 2014a.

\_\_\_\_\_. Nove Poemas de Safo. *Hypnos. Revista do Centro de Estudos da Antiguidade*, v. 33, p. 336-342, 2014b.

\_\_\_\_\_. BRUNHARA, R. C. M. (Org.) . *Organon* v. 31 n. 60 - Poesia Grega e Latina. 1. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2016. v. 1. 335p.

\_\_\_\_\_. Ritmo e Sonoridade na Poesia Grega Antiga: uma tradução comentada de 23 poemas. 1. ed. São Paulo: Humanitas, 2011. v. 1. 142p. Disponível em: <<https://ufrgs.academia.edu/LeonardoAntunes>> Acesso em 9/9/2018.

\_\_\_\_\_. Frag. 1 - Ode a Afrodite (musicada). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=YxVJ-Er9Qbw>> Acesso em 9/9/2018.

BAILLY, A. *Dictionnaire grec-français*. 26a ed. Paris: Hachette, 2000.

BARBOSA, Teresa. Safo (31Voigt): Uma tradução. *ConTextura*, Belo Horizonte, no 10, ago. 2017, p. 7-15. Artigo recebido em 10/03/2017 e aprovado em 20/06/2017. Disponível em <<https://seer.ufmg.br/index.php/revistacontextura/article/download/4342/pdf>>. Acesso em 9/9/2018.

BURTON, Nell. *O Mundo de Platão: a vida e a obra de um dos maiores filósofos de todos os tempos*. trad.: Mário Molina. São Paulo: Cultrix, 2013.

CAMPBELL, D.A. (tr.) (1982-1991), *Greek Lyric* , vols. 1–3. Cambridge MA/London, Harvard University Press/Heinemann.

LUCRÉCIO, "Ode à Afrodite". In: "Invocatória a Ve-

nus y doctrina sobre los dioses". p. 1-49, Editorial Gredos, S.A.: Madrid, 2003

FEITOSA, Charles. A questão do Outro e a relação entre Ética e Estética. <<https://www.facebook.com/amaral.work/posts/222933861860008>>. Acesso em 23 de julho (verificar).

FRITZ, KURT. "Noein, and Their Derivatives in Pre-Socratic Philosophy (Excluding Anaxagoras): Part I. From the Beginnings to Parmenides: Classical Philology, Vol. 40, No. 4 (Oct., 1945), pp. 223-242 Publicado por: The University of Chicago Press Stable. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/265805>>. Acesso em: 13/05/2018.

KOSMOS SOCIETY. An online community for Classical Studies. Homeric Greek | Odyssey 1.169–177, part 2: Epiphanies and Athena's travels. 2018. Disponível em: <<https://kosmosociety.chs.harvard.edu/?p=40196>> Acesso em: 31/10/2018.

HEIDEGGER, Martin. "... Poeticamente o homem habita..." In: *Ensaio e Conferências*. trad. Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel e Marcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001. p. 165-182.

\_\_\_\_\_. "Já só um Deus nos pode ainda salvar". trad. Irene Borges Duarte. Covilhã, Portugal: Ed. Lu-soSofia: press, 2009.

JERUSALINSKY, Alfredo. Para uma Clínica Psicanalítica das Psicoses. *Estilos clin.*, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 146-163, 1996. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1415-71281996000100012&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-71281996000100012&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 16 set. 2018.

PAPADIMITROPOULOS, LOUKAS. (2016) Sappho's "Brothers Poem": An Interpretation, *Symbolae Osloenses*, 90:1, 2-7, DOI: 10.1080/00397679.2016.1240960> Acesso em 9/09/2018.

PLATÃO. Antologia Palatina, epigrama 9.506. Texto grego retirado de Beckby (1965-1968) = TLG.

\_\_\_\_\_. Fedro. Tradução de Carlos Alberto Nunes. 4 ed. (rev. e bilingue). Belém/PA: Edufpa, 2016.

PRADO, Germano. O limite entre política e ontologia – um ensaio em torno do bom na República de Platão, p. 34, 2016. TESE.

RAGUSA, Giuliana. "Fragmentos de uma deusa: a representação de Afrodite na lírica de Safo". Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2005. Nesta obra, a edição dos poemas de Safo se pauta na edição chamada Voigt, reunida em 1971.

\_\_\_\_\_. Para Conhecer a "Lírica" Grega Arcaica. Revista FFLCH USP. Disponível em: <<https://fflch.usp.br/sites/fflch.usp.br/files/2017-11/LiricaGregaArcaica.pdf>> Acesso em 21 de julho de 2018.

ROSA, Guimarães. Tutaméia, Obras Completas, V. II. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

SAFO, de Lesbos. Poemas e Fragmentos. Edição bilingue. Tradução de Joaquim Brasil Fontes. São Paulo: Iluminuras, 2003. p. 25, 27, 47, 51 e 52.

\_\_\_\_\_. Hino a Afrodite. Trad. Jaa Torrano. Disponível em: <<https://afrodision.wordpress.com/2017/05/19/hino-a-afrodite-de-safo/>>. Acesso em 21 de julho de 2018.

\_\_\_\_\_. Méle. Disponível em: <[https://www.hs-augsburg.de/~harsch/graeca/Chronologia/S\\_ante06/](https://www.hs-augsburg.de/~harsch/graeca/Chronologia/S_ante06/)

Sappho/sap\_intr.html> Acesso em 21 de julho de 2018.

SAFFO. Frammenti. Trad. Antonio Aloni. Firenze: Giunti Gruppo Editoriale, 1997.

SAPPHO. If not, winter. Translated by Anne Carson. New York: Vintage Books, 2002.

SOBRINHO, Rubens. Deus sem Ser e Ser divino. Educação e Filosofia, v. 30, n. Especial, p. 151-167, 2016. ISSN 0102-6801. DOI: <http://dx.doi.org/10.14393/REVEDFIL.issn.0102-6801.v30nEspeciala2016-p151a167>.

TORRANO, Jaa. O pensamento mítico no horizonte de Platão. São Paulo: Annablume Clássica, 2013.